

OS SALESIANOS NA TERRA DO AÇÚCAR OU APOSTOLADO SALESIANO EM PERNAMBUCO, NORTE DO BRASIL (1894-1920)

LUIZ DE OLIVEIRA *

Introdução

Neste trabalho pretendemos estudar duas facetas da história salesiana no Norte do Brasil. Como neste Congresso será apresentado trabalho referente aos outros Estados nordestinos, vamos nos restringir ao que se refere especificamente ao Estado de Pernambuco, a terra do açúcar. Consideraremos 1) a instalação dos Salesianos no Norte do Brasil; 2) o desenvolvimento da atuação desses religiosos em Pernambuco, até o ano de 1920.

Começamos por fazer uma breve descrição da situação geo-sócio-econômica e político-eclesial vivida pela sociedade brasileira no período imediatamente anterior à chegada dos Salesianos ao Norte do Brasil. Em seguida apresentamos a seqüência da abertura dos estabelecimentos educativos salesianos nessa região do Brasil. Passamos então a considerar o andamento dessas presenças em Pernambuco até os anos imediatamente seguintes à Primeira Grande Guerra Mundial (1920) e a conseqüente influência sobre o meio social do mesmo Estado. Analisamos os recursos didático-pedagógicos empregados nas Escolas Profissionais durante este período, para enfim chegarmos a algumas conclusões sobre a influência do trabalho salesiano, nos aspectos social, profissional e agrícola e mesmo devocional da sociedade nordestina.

Utilizamos como fontes inéditas os documentos e registros pertencentes ao arquivo do Colégio Salesiano Sagrado Coração, do Recife (Pernambuco-Brasil), que referimos com a sigla ACR, o Boletim Salesiano e jornais da cidade, consultados no Arquivo Público Estadual.

Nosso trabalho será assim sequenciado:

1. Contextualização do Norte do Brasil
2. Fase de instalação (1894-1902)
3. A fase seguinte (1902-1920)
4. Assistência religiosa
5. A conjuntura sócio-histórica

* Brasileiro, pesquisador, e encarregado do Arquivo Salesiano em Recife (Brasil).

DESENVOLVIMENTO

1. Contextualização do Norte do Brasil

O estabelecimento dos salesianos no Norte do Brasil (1894-1902) coincide com o período de estabilização do quadro político brasileiro e colheita dos resultados das grandes realizações que em poucos anos modificaram totalmente a face do Brasil em todos os aspectos: econômico, político, social, religioso, etc. Modificações que em outras nações precisaram de longos anos, muitas lutas e até sanguinolentas guerras para serem implantadas, no Brasil se produziram pacificamente e num curto lapso de tempo. Em menos de incríveis e pacíficos 5 anos, se produziram no Brasil, com um encadeamento natural:

1. A emancipação do elemento servil (Lei Áurea, 13 de maio de 1888)
2. A proclamação da República (15 de novembro de 1889)
3. A separação da Igreja do Estado (17 de janeiro de 1890)
4. O estabelecimento do Regime Federativo (24 de fevereiro de 1891)

Estes são os acontecimentos fundamentais que tonalizam a evolução da sociedade brasileira no período em estudo, nela se compreendendo naturalmente a Congregação Salesiana no Norte do Brasil.

1.1 Situação geográfica

Desde os tempos da Colônia convencionalmente se considera como Norte do Brasil toda a porção do território nacional que, acompanhando a linha da costa, se estende ao norte da Província (depois Estado) do Rio de Janeiro. É uma região que ocupa cinco milhões de quilômetros quadrados localizados entre o Equador e o paralelo 21° de latitude sul. Posteriormente se fez a subdivisão em Nordeste e Amazônia.

Em geral a região se apresenta quente e seca no Nordeste, ou quente e úmida na Amazônia. Se excetuarmos a Bahia, no Nordeste se encontram os Estados da Federação de menor extensão. Em compensação na Amazônia, região brasileira onde se encontra a maior população indígena e a menor taxa demográfica do Brasil, onde se exhibe a maior floresta tropical do mundo com exuberante cobertura vegetal e domínio de um clima quente e úmido, se localizam os Estados mais extensos.

O Nordeste divide-se em três sub-regiões paralelas ao litoral: a zona da mata, o agreste e o sertão. A zona da mata na planície costeira é constituída de terras baixas, úmidas, de origem sedimentar com praias e manguezais. O terreno, constituído quase exclusivamente pelo massapê, espécie de argila pegajosa e quase sempre preta formada pela decomposição de calcários cretáceos, é o mais

apropriado para o cultivo da cana de açúcar. O agreste, área de transição, já sofre as conseqüências do clima semi-árido e o sertão, pleno domínio das caatingas se caracteriza por sofrer o fenômeno da seca. Nesta sub-região o regime pluviométrico é bastante irregular, passando às vezes, dois ou três anos sem chover.

Inicialmente o Pe. Luiz Lasagna propendia a começar o trabalho salesiano no Norte do Brasil com uma casa em Belém, capital do Pará no extremo norte.¹ Mas depois concordou-se em que Pernambuco, no extremo norte-oriental, um dos mais importantes Estados do Brasil, não pela extensão territorial, mas pela densidade de população, pela cultura literária, pela indústria e influência política, apresentava as melhores condições para basear a atividade salesiana no Norte do Brasil. A capital, Recife, grande e populosa, era a terceira cidade do Brasil, contando com mais de 200 mil habitantes. Nela se encontravam várias indústrias. O comércio, vasto e ativo, era animado pelo trânsito de vapores que, dirigindo-se em todas as direções, transportavam para as várias partes do mundo a riqueza de seus produtos. Seus edifícios revelavam a riqueza e prosperidade de seus habitantes e ainda tinha a vantagem de comunicação com a Europa, não só por ser um porto avançado para o Atlântico, como por se achar numa situação mais ou menos central com relação à imensa costa brasileira que vai do Oiapoque, no extremo norte, ao riacho Chuí, no limite com o Uruguai.

1.2 Situação sócio-econômica

Por um costume secular, anterior à independência, o governo pouco se importava com o progresso do povo e seu bem estar. Desde os tempos da colonização, o atendimento às carências populares esteve a cargo das Santas Casas de Misericórdia, associações formadas por ricos negociantes, quase sempre portugueses, que se inclinavam também sobre as necessidades da população despossuída, e por meio de seus hospitais e das suas casas de caridade, prestavam assistência no campo da saúde, sem descuidar os seus orfanatos, seus asilos e demais aspectos das necessidades sociais.

Em contraponto habitavam estes trópicos, desde os princípios do século XIX, atraídos pelos favores especialíssimos concedidos pela Coroa Portuguesa aos súditos britânicos, uma minoria nada desprezível de protestantes ingleses que influíam na sociedade com a ação modernizante de seus técnicos especialistas em instalações de máquinas, de engenhos a vapor, de novos tipos de moenda, e, sobretudo, de meios de transporte. Aqui se estabeleciam com seus engenheiros, seus médicos, seus remédios, seus pastores, sua igreja, seu cemitério. Alguns eram senhores poderosos de casas comerciais e mantinham associações de comerciários. Como representantes do capitalismo britânico foram os pioneiros do

¹ [Luigi LASAGNA], *Epistolario di Mons. Luigi Lasagna*. Vol. II, a cura di Antonio Ferreira da Silva. Roma, LAS 1997, p. 77.

desenvolvimento industrial da região,² mas não se encontra registro de qualquer estabelecimento criado por eles e voltado para a assistência social.

Na segunda metade do século XIX as associações católicas de assistência social, não só as Santas Casas como as Conferências de São Vicente de Paula, exerciam uma intensa missão de caridade, mirando afrontar a pobreza e a miséria não só em seus aspectos materiais de falta de dinheiro, de roupas e outras comodidades da vida, mas no plano mais vasto de indigência cultural e espiritual. Essas associações religiosas se empenhavam em conduzir a caridade ao seu significado genuinamente cristão que é solicitude não só para os corpos, mas também, e sobretudo, para os espíritos.

Ao fim de quatro séculos de escravidão, hordas de miseráveis, sem teto, sem propriedade, e sobretudo sem educação para a liberdade, se encontraram, de repente, senhoras do próprio destino, embora continuassem na mesma miséria, necessitados de tudo, principalmente de dignidade aos olhos da classe que sempre as explorou e, muitas vezes, aos próprios olhos.

Ao tempo em que os filhos de Dom Bosco aportaram no Norte do Brasil, a classe possuidora, privada de sua riqueza representada pelos escravos, bracejava para se manter à tona da crise. O Nordeste sempre tivera sua economia baseada na monocultura e exploração agro-industrial da cana de açúcar. A extinção do primeiro termo do inseparável binômio escravo-engenho ameaçava perigosamente o equilíbrio social com a desaparecimento do segundo, mergulhando a região numa pauperização coletiva.

Como fruto da emancipação legal dos escravos, também começava uma evolução muito lenta em direção à industrialização que, no período em foco, era apenas uma esperança no horizonte. Enquanto a maior parte dos emancipados permanecia apática, resignada a todas as privações, tendo finalmente atingido a grande aspiração de toda uma vida: parar de trabalhar, em alguns trabalhadores braçais, totalmente desclassificados em termos de preparação profissional, começa a despontar uma esperança de ascensão social, que será realizada, já que não pode aspirar a horizontes mais amplos, desde que seus filhos se tornem um *oficial*, um trabalhador perito em alguma arte ou ofício.

Verifica-se assim uma convergência nas várias aspirações humanitárias, porque em âmbito internacional, o mundo do trabalho estava tomando grande importância, adquirindo tal influência na sociedade civil, que fazia refletir seriamente os responsáveis pelo destino da Igreja e da Sociedade. Para se contrapor à difusão das idéias marxistas o Santo Padre Leão XIII escrevera a encíclica *Rerum Novarum*. Por sua vez os salesianos, reunidos no quarto Capítulo Geral, de 1886, explicitavam sua preocupação com a educação dos aprendizes, estabelecendo que as Casas da Congregação deveriam ter como meta capacitar o jovem artífice a

² Gilberto FREYRE, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife, Editora Massangana 1985, p. 124.

ganhar o próprio sustento «e tenha ainda, tanto na religião como na ciência, suficiente instrução segundo o próprio estado».³

1.3 Situação político-eclesial

A organização hierárquica da Igreja do Brasil nos últimos tempos do Império implicava em uma colossal ignorância religiosa. A população praticava um cristianismo apenas de festas e tradição, atendida por um clero pouco numeroso e nem sempre modelar, e a situação parecia estagnada porque, peados pelo regalismo, os bispos encontravam barreiras legais para uma ação mais efetiva. Os anos finais do período monárquico e inícios do período republicano marcam uma evolução no sentido de uma maior conscientização religiosa resultante do trabalho dos bispos, que têm de enfrentar uma situação inusitada.

Durante o período colonial e durante todo o período imperial a religião católica era a religião do Estado. Apesar de alguns choques com a maçonaria, respaldada pelo Imperador que era maçom, e naturalmente tendo que se manter numa situação de dependência e submissão ao Imperador, a Igreja Católica mantinha uma posição ímpar, como a única reconhecida pelo Estado.

Com a proclamação da República a Igreja Católica perdera a situação privilegiada de religião oficial e tinha que se haver com autoridades, às mais das vezes positivistas e maçons, em igualdade de condições com as outras formas de pensamento. A hierarquia precisava urgentemente de colaboradores. A importação de novas Congregações européias, portadoras de um cristianismo mais sacramental e dependente de Roma, marca a abertura desta nova fase da história de um país cujo problema religioso mais candente é a angustiada penúria de clero.

Dentro deste quadro, num curto período de sete anos, os salesianos abrem cinco casas no Norte do Brasil. No Estado de Pernambuco se instalam na cidade do Recife, com o Colégio Sagrado Coração (1894), Escola Agrícola São Sebastião, em Jaboatão (1900) e Colégio Orfanológico São Joaquim (1902), também no Recife. Uma casa, Liceu Salesiano do Salvador, no Estado da Bahia (1900) e (1902) uma Escola Agrícola São José, na Tebaida, Estado de Sergipe.

Essas fundações, a partir de 1902, passam a constituir a Inspetoria São Luiz de Gonzaga do Norte do Brasil, e se processa uma pausa para consolidação. Somente em 1921 a Inspetoria volta a se expandir, quando os salesianos abrem o Colégio Dom Bosco em Manaus, ponto de apoio para a Prefeitura Apóstolica do Rio Negro, no Amazonas, da qual o Pe. Lourenço Giordano⁴ fora indicado titular e tomara posse em 15 de agosto de 1916.⁵

³ ACS, R 04 *Capitolo generale IV 1886*.

⁴ Pe. Lourenço Giordano (1856-1919). Nasceu em Ciriè, no Piemonte, Itália. Professou em 1872, nas mãos de D. Bosco, de quem foi secretário durante algum tempo. Fez o tirocínio na Escola Agrícola de La Navarre (França). Ordenado em 1879, foi destinado para a América em 1880. Trabalhou em Montevidéu, Uruguai, como prefeito no Colégio de Villa Colón, do qual era diretor o Pe. Luiz Lasagna, e em 1885 veio fundar o Liceu Salesiano, de S. Paulo, do

2. Fase de instalação (1894-1902)

2.1 Colégio Sagrado Coração - Recife

O documento mais antigo referente aos salesianos no Norte do Brasil entrelaça a Congregação com

«[...] a falta absoluta de educação profissional para os meninos pobres e de asilo para os órfãos e desamparados da cidade do Recife».⁶

Quando se trata de estabelecer o plano definitivo da instalação, assim sugere o promotor da idéia:

«[...] começar por estabelecer o mais cedo possível um internato para os filhos de família e um externato para os meninos pobres, com ensino profissional, logo que seja possível. O internato é de uma necessidade absoluta: em Pernambuco, e nos Estados vizinhos não há um só que seja. Não temos onde educar nossos filhos, qual quer que seja o preço. [...] Já agora nos estão atormentando de todos os lados para saber quando chegareis, se receberéis alunos, etc., etc...

Fareis com o internato um grande serviço a todo o Estado e aos Estados vizinhos, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas.[...]. Vossa obra está anunciada como destinada aos meninos pobres [pois] o ensino profissional é o sonho deste século. Para corresponder desde o começo a esta idéia que está em todos os espíritos, vós poderéis começar com um externato e o mais cedo possível instalar algumas oficinas mais fáceis de montar e fazer funcionar».⁷

E esse foi o plano seguido. Chegados em 10 de dezembro de 1894, em fevereiro seguinte os salesianos inauguraram o *Collegio Salesiano de Artes e Offícios do Sagrado Coração*. No próprio dia da inauguração o governador Barbosa Lima⁸ com todo o secretariado visitou o Colégio para se informar a respeito da nova instituição. Bem impressionado, ofertou uma boa soma e fez constar do orçamento do Estado uma subvenção anual para o Colégio Salesiano. Doou também todas as alfaias e bancos da capela do Colégio Estadual, que ficara sem préstimo desde a implantação do regime republicano e os apetrechos de teatro do extinto Arsenal de Guerra.

qual foi diretor por 10 anos. Fundador do Colégio Salesiano do Recife, em 1902 foi nomeado Inspetor. Investido em 1916 no cargo de Prefeito Apostólico do Alto Rio Negro (Amazonas), aí faleceu em 5 de dezembro num barracão às margens do rio Negro. Seu nome foi dado a uma rua do Recife.

⁵ Luiz DE OLIVEIRA, *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Vol. I. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, p. 124.

⁶ *Projecto de fundação de um asylo para orphãos e desamparados e de escolas profissionaes para os meninos pobres na cidade do Recife*. ACR, pasta 01, doc. 09.

⁷ *Carta de Carlos Alberto de Menezes ao Pe. Giordani, Camaragibe, 14 de setembro de 1894*. ACR, pasta 001, doc. 43.

⁸ Alexandre José Barbosa Lima (1862-1931). Nasceu em Recife (PE). Engenheiro militar, professor e político. Sua atuação parlamentar se estende desde a Constituinte de 1891 à revolução de 1930, com poucas interrupções, uma delas quando ocupou o governo de Pernambuco (1891-1896), oportunidade em que tentou criar o ensino industrial ao mesmo tempo que reformar o ensino acadêmico.

Por seu lado, o Colégio Salesiano é novidade na praça. Com seu uniforme de marinheiro, no dia 22 de março, distingue-se na imponente procissão dos Passos, que desde a expulsão dos holandeses, em 1654, se repete até hoje, pelas ruas da cidade.⁹

Na manhã de 24 de junho o colégio, em corpo e uniformizado, saiu a tomar parte na procissão de São Luiz, que da matriz da Boa Vista se dirigiu à residência dos Padres Lazaristas, no bairro dos Coelhos. Regida pelo clérigo Battistini, que ia à frente, a fanfarrinha de 24 figuras pela primeira vez se exibiu em público.¹⁰ O Recife contemplava, maravilhado, espetáculo nunca visto: uma banda de meninos! À tarde, por ser dia de São João, realizou o colégio novo desfile. As famílias, que apreciavam das janelas e grades, batiam palmas.

E o Diário de Pernambuco registra, sob a manchete *Collegio Salesiano*:

«Ontem à tarde os alunos dessa casa de educação saíram a passeio. Trajados à maruja, e precedidos de uma charanga ou banda de música organizada pelos Rvmos. Diretores entre os próprios alunos que estudam música, era belo ver o préstito infantil que desfilava pelas ruas, garboso e cheio de vida. [...]».¹¹

Pela primeira vez, em 7 de julho, realizou-se no Colégio uma função de teatro com declamações de poesias e execuções musicais à qual assistiram as autoridades da cidade. Essas representações se repetiram em agosto e setembro, tornando o Colégio cada vez mais conhecido e admirado.

Neste primeiro ano os salesianos limitaram seu campo de ação apenas a um oratório festivo e um internato para estudantes, começando a funcionar entre o início e o mês de maio de 1896 as oficinas de marcenaria e ferraria, a sapataria, alfaiataria, e finalmente, a tipografia e a encadernação.

Em 1897, estão matriculados 23 aprendizes, atendidos em quatro oficinas: encadernação, alfaiataria, carpintaria e sapataria. Estão divididos em 2 cursos: superior e inferior, organização que se mantém até 1905.¹² No primeiro se estudava português, francês, catecismo, escrituração mercantil, desenho, música vocal e instrumental. No curso inferior os estudos versavam sobre português, aritmética, catecismo, caligrafia, música vocal e instrumental. Em ambos havia o necessário aprendizado da oficina. As notas estão registradas semestralmente.

A partir do ano seguinte o francês foi retirado do currículo, que se estabiliza, e a disciplina escrituração mercantil foi substituída por caligrafia. Neste ano o curso inferior está dividido em duas classes, tendo-se que observar que os alunos além do estudo do catecismo, recebiam também aulas de História Sagrada como disciplina independente.

⁹ Olavo ALMEIDA, *Crônica dos primórdios do Colégio Salesiano do Sagrado Coração*. ACR, doc. 462.

¹⁰ Luigi DELLA VALLE, *Cronaca del Collegio Salesiano di Pernambuco*. ACR doc. 448.

¹¹ Cf [ANÔNIMO], *Diário de Pernambuco*, 28 de junho de 1895.

¹² ACR, livro R 225, pp. 31 e 32.

Digno também de observação é que nos anos 1900 e 1901 constam nos registros escolares do Colégio do Recife as notas dos alunos da Colônia Agrícola São Sebastião inclusive sendo três deles, em 1900, premiados no fim do ano «por sua aplicação ao estudo, ao trabalho agrícola e bom comportamento».

Em 1901 o número de aprendizes ascende a 27, constando pela primeira vez nos registros a oficina de tipografia. Registram-se também as notas dos alunos da Colônia São Sebastião (4 alunos) divididos em classe superior e inferior. Nesta última se estuda português, latim, aritmética, catecismo, história sagrada, caligrafia, agricultura e música; e na outra se passa a estudar também geografia.

De 1902, temos as notas dos aprendizes, mas não constam mais as notas dos alunos da Escola Agrícola. Existe ainda um registro do andamento do ensino profissional em 1903, permanecendo o mesmo leque de opções profissionais oferecidas aos alunos.¹³

2.2 Escola Agrícola São Sebastião - Jaboatão

Achavam-se os Irmãos do Recife, debilitados e sujeitos a diversas moléstias atribuídas ao intenso e contínuo labutar. Tinham também sua parcela de culpa o clima e as condições sanitárias urbanas. Tornava-se necessário abrir uma Casa nos arredores da cidade para que o ar e água puros contribuíssem para restaurar-lhes as forças.

Por seu lado a Congregação vivia uma fase em que modificava suas vistas sobre o problema do apostolado no meio rural. Vigorava então nos escalões da Direção Geral a idéia de que os salesianos deviam se dedicar à juventude rurícola.

Se bem que Dom Bosco tivesse origens nitidamente camponesas, o trabalho dos oratórios e seus desdobramentos, fora implantado em um meio urbano e somente em 1878 se veio a aceitar um estabelecimento agrícola em La Navarre, França. A vaga agrícola empolga então os salesianos que se voltam para o empenho de radicar a juventude no campo e antes de terminar o século, somente na França, tinham eles fundado sete colônias agrícolas. No Brasil seguiu-se o mesmo caminho. Na Inspeção do Sul fundaram-se duas escolas agrícolas, uma em Cachoeira do Campo, MG (1896) e uma em Rio Grande, RS (1901), e na Inspeção de Mato Grosso, a Escola Agrícola Santo Antônio, em Coxipó da Ponte, no estado de Mato Grosso, em 1897.

O próprio Pe. Miguel Rua em carta endereçada aos cooperadores conclama todos a empreender uma campanha de volta ao campo,

«com o fim de impedir o despovoamento do meio rural e conseqüente aglomeração nas cidades, com grande perigo da fé e dos bons costumes dos nossos camponeses».¹⁴

¹³ ACR, livro R 223, p. 66, 108 e 110 e 172.

¹⁴ BS 1 (1902) 6.

O Pe. Giordano em 20 de janeiro de 1900 inaugurou em Jaboatão, num meio rural situado a vinte quilômetros a sudoeste do Recife e a uns quatro quilômetros do núcleo municipal, a Escola Agrícola São Sebastião, que tem finalidades mais ou menos convergentes. Pretende-se criar um ambiente onde os salesianos da Casa do Recife possam descansar, prestar serviço à população com o atendimento religioso e sócio-educativo em uma escola agrícola e também cultivar vocações salesianas. Estes propósitos revelam nítidas semelhanças com as idéias que orientaram a fundação de La Navarre (França).¹⁵

2.3 Colégio Orfanológico São Joaquim

Os dirigentes da Santa Casa de Misericórdia do Recife, que restaurara em 1897 um antigo colégio de órfãos, o Colégio Orfanológico São Joaquim, insistiam para que os salesianos assumissem a direção desse estabelecimento. Foram satisfeitos pelo Pe. Paulo Álbera, que visitava as casas da América como representante plenipotenciário do Reitor Mor, quando de sua passagem pelo Recife em 1901. Nomeado diretor, o Pe. José Blangetti, tomou posse em 5 de fevereiro de 1902, em condições particularmente difíceis, pois seu antecessor com seus auxiliares, apenas assinado o termo de posse, se retiraram imediatamente. Encontrou-se o Pe. Blangetti, de repente, sozinho, para cuidar de todo o andamento de um colégio, que atendia a 135 órfãos. Apelou para e conseguiu do diretor do Colégio Sagrado Coração dois dos alunos maiores para auxiliá-lo e depois o coadjutor Olavo Almeida.

3. A fase seguinte (1902-1920)

3.1 Influência cultural do Colégio Sagrado Coração

A chegada do novo bispo, D. Luís Raimundo da Silva Brito,¹⁶ em 1902, ampliou a atuação dos filhos de Dom Bosco. O Colégio participava intensamente de todas as iniciativas católicas. No Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, cuja música vocal do solene pontifical foi executada pela escola de canto do Colégio Salesiano, um orador enfatiza a necessidade de colégios católicos, e se refere à

¹⁵ Yves LE CARRÈRES, *Les colonies ou orphelinats agricoles*, in *Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco*. Roma, LAS 1996, pp. 137-174.

¹⁶ D. Luís Raimundo da Silva (De) Brito, (1840–1915). Nasceu em S. Bento de Perís, Maranhão. Ordenado em 1864, ajudou nas paróquias de Rosário e de Caxias (Maranhão) e foi diretor do seminário menor da diocese. Em 1881 se transferiu para o Rio de Janeiro, onde foi pároco em Niterói (1882-1883) e vigário geral da diocese (1883-1890). Sagrado bispo de Olinda em 1901; promovido 1º arcebispo de Olinda e Recife em 1910.

«obra desses piedosos continuadores de Dom Bosco, desses incansáveis cooperadores do bem, [que] se acha sob a virtuosa e inteligente direção desse caridoso sacerdote que se chama Clélio Sironi e que, auxiliado por seus dignos companheiros, faz irradiar os clarões da doutrina católica nesses meninos pobres que recebem também uma completa educação artística».

O trabalho dos oratórios festivos, ponta de lança do apostolado salesiano, é tido em tamanha consideração que uma das conclusões da 5ª sessão do Congresso assim rezava:

«Que se criem, quanto antes, no Recife, pelo menos dois oratórios festivos, para os meninos, a fim de que estes possam cumprir o preceito dominical, evitar as más companhias e lugares perigosos e instruir-se nas verdades e práticas da religião».¹⁷

Os salesianos têm tal influência na sociedade que, em 3 de agosto de 1904, quando da passagem pelo Recife do núncio apostólico no Brasil, D. Júlio Tonti,¹⁸ que acabava de ser transferido para Portugal, S. Ex. acompanhado do bispo diocesano, comendadores Antônio Muniz Machado, José Maria de Andrade e outros personagens grados, veio passar um dia no Colégio. Foi recebido pela diretoria e alunos formados, ao som do hino pontifício executado pela banda do colégio. À noite, realizou-se uma sessão lítero-musical. Após os discursos, números de banda, poesias, representação de um drama, D. Luís de Brito entreteve por largo tempo o auditório que o ouviu com religiosa atenção.¹⁹

As autoridades civis vêem com muito bons olhos o trabalho dos salesianos com os meninos pobres e concedem-lhes isenção de impostos municipais.²⁰

3.2 *Influência pedagógica*

O sistema preventivo, fazendo do internato uma continuação da família, impressiona as autoridades educativas. O Pe. Giordano foi o primeiro no Recife a abolir a palmatória e a terrível cafua com que os colégios puniam os alunos faltosos.

O Salesiano também foi o primeiro educandário pernambucano a pleitear a equiparação permitida pelo Código de Ensino exarado em 1º de janeiro de 1901. Teve que enfrentar dura oposição pois o Ministério da Justiça ocupado por maçons e positivistas exigia que fosse eliminada dos estatutos qualquer referência à religião.

¹⁷ Felipe Conduru PACHECO, *Vida de D. Luís de Brito, 1º Arcebispo de Olinda*. Vol. II. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional 1954.

¹⁸ D. Júlio Tonti (1844-1918). Nascido em Roma, foi núncio apostólico em várias nações da América e em Portugal. Esteve no Brasil de 1902 a 1906, e foi nomeado pelo Santo Padre membro da comissão arbitral julgadora do litígio fronteiriço entre o Brasil e o Peru. Em 1915 foi feito cardeal com o título dos Santos Silvestre e Martim *ad montes* e em 1917 tornou-se prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos.

¹⁹ Cf [ANÔNIMO], «A Província», 3 de agosto de 1904.

²⁰ Conselho Municipal do Recife, Lei n. 338 de 17 de agosto de 1904 ACR, pasta 001, doc. 06.

Desta vez, porém, não contou com o apoio da parte da sociedade representada pelos diretores de colégios que moveram pela imprensa uma intensa campanha contra o que chamavam «as pretensões descabidas» dos salesianos. Com paciência e esforço, conseguiu-se o decreto 7 185 de 8 de outubro de 1908 que

«Concede ao Colégio Salesiano do Sagrado Coração do Recife... os privilégios e garantias de que goza o Ginásio Nacional»,

o que deu margem a um grande aumento de matrículas.

Em consonância com a lei do serviço militar obrigatório, aprovada em janeiro de 1908, o Colégio organizou seu batalhão, composto dos alunos maiores de 16 anos, com armamento fornecido pelo 2º Distrito Militar.²¹ O Tiro de Guerra do Colégio era muito prestigiado pelas autoridades militares. Em 1909, por ocasião da festa do Sagrado Coração, visitou o colégio o general Belarmino de Mendonça, recebido com as continências devidas e nessa ocasião fez a entrega do pavilhão nacional ao batalhão do colégio, proferindo brilhante oração.²² E no dia 12 de outubro de 1917, o general Joaquim Inácio dignou-se tomar parte nas festas militares efetuadas no colégio.

O ano de 1914 teve conotação especial na história da casa do Recife: o Colégio atingia seus vinte anos de funcionamento, e já era um dos principais da cidade. Além de outras solenidades, a 7 de setembro, os alunos fardados de branco, precedidos pela banda de música, desfilaram pelas ruas da cidade até o palácio do governo. Formados ao largo, executaram vários números de ginástica sueca perante o governador e numerosa multidão que elogiava os alunos e seus educadores. Terminados os exercícios, os alunos subiram ao palácio onde foram recebidos pelo governador e trocaram-se os discursos de praxe.²³

3.3 *Escola Profissional*

Em 1904 estão internos no Colégio 36 aprendizes divididos segundo se vem fazendo tradicionalmente e relatamos acima, mas o número diminui no ano seguinte para 27. Em 1907, talvez como reflexo da equiparação do curso secundário ao Ginásio Nacional obtida em 1906, o que dá novo surto de vida à instituição, os aprendizes, que atingem o número de 41, são divididos em 4 classes.²⁴

Apesar dos esforços empregados a escola profissional não se desenvolve muito bem. O visitador Pe. Rota, em 1908, anota em seu relatório:

«As oficinas estão muito atrasadas e não se pode chamá-las verdadeiras escolas profissionais.[...] Os alunos têm uma hora de aula por dia e meia hora de estudo. Estão divididos em 4 classes e se ensinam as matérias do curso primário».

²¹ ACR, pasta 140; doc. 34.

²² BS (1910) 53.

²³ BS (1915) 28.

²⁴ ACR, livro R 225, p. 19, 20, 69, 136-140.

E comenta entristecido:

«O ensino profissional deveria durar cinco anos, mas não existe nenhuma regularidade. Dificilmente os alunos permanecem até o fim [do curso], muitos saem para ganhar a vida; não se dá nenhum certificado ao fim do curso».²⁵

Mesmo com a intervenção do Visitador a situação não teve sensível melhora, pois na visita inspetorial de 1912 o Pe. Rota, que com a união das Inspetorias do Norte e do Sul do Brasil, tinha sido feito Inspetor de ambas, aconselha:

«O que deve também preocupar muito os Superiores desta Casa é o estado das Escolas Profissionais. Em um grande centro como é Recife, elas têm que alcançar um maior desenvolvimento, porque são uma das obras que nos tornam mais simpáticos aos Governos e ao povo. Conheço as dificuldades que existem e se se tratasse de outro lugar que não fosse uma cidade tão importante como esta, eu diria que se suprimisse tais Escolas, para atender melhor as outras atividades; aqui porém devo dizer: Não se descuidem as outras atividades, mas se dê muita importância a esta».²⁶

De fato, os superiores locais não prestavam a devida importância às Escolas Profissionais, pois existe um hiato revelador do descaso com que eram tratados os aprendizes nas anotações escolares e só voltamos a ter notícias das Escolas Profissionais em 1914. Nesse ano se registram 41 aprendizes internos divididos em 4 classes no referente à cultura geral, distribuídos pelas oficinas de tipografia, encadernação, alfaiataria e sapataria. As matérias de cultura geral no curso profissional versavam sobre religião, português, francês, aritmética, geografia, história, música e canto. Esta organização se estende até o ano de 1919.²⁷

Tendo que atender ao colégio e à escola profissional é natural que os dirigentes prestem mais atenção aos estudantes ginasianos que pagam do que aos aprendizes que por eles são mantidos. Por outro lado, os estudos acadêmicos estavam submetidos à fiscalização governamental, o que obrigava a uma certa regularidade, enquanto as escolas profissionais dependiam dos humores do administrador da casa. Consequentemente, as escolas profissionais se reduziam a um pouco mais que orfanatos, muito beneméritos se encaradas como abrigos de jovens pobres, porém, ineficientes quando se procura estabelecer a contribuição para uma influência na sociedade em que se insere.

Do ponto de vista metodológico-didático nas escolas profissionais são empregados todos os «meios materiais e morais» disponíveis para estimular a atividade e favorecer a emulação entre os alunos, como exames, prêmios, estímulos, «comparticipação aos frutos do trabalho» (a chamada gorjeta semanal) e exposições.

²⁵ Pedro ROTA, *Relazione sulla Visita Straordinaria fatta all'Ispettorato di S. Luigi Gonzaga (Brasiliana del Nord) dal 10 Maggio al 4 Giugno 1908*. ACR, pasta 222.

²⁶ *Amigáveis conselhos ao R. P. Diretor do Colégio Sagrado Coração em ocasião de visitas*. 1912. ACR, nº 085.

²⁷ ACR, livros R 203 e R 230.

Além do significado educativo-didático, as exposições exerceram um papel importante no desenvolvimento das escolas profissionais salesianas do Norte do Brasil O Pe. Rota insiste sobre esse ponto, no que segue aliás as diretivas do Capítulo Geral de 1886.

«Exortei a melhorar oportunamente as Escolas profissionais, tornando-as pouco a pouco verdadeiras Escolas, introduzindo formalmente o uso de exposições dos trabalhos no fim do ano, iniciando também uma exposição permanente».²⁸

3.4 Interação com a cidade

Característica dos salesianos era a colaboração com as autoridades em tudo que pudesse refluir em benefício da comunidade. Na gestão do prefeito Arquimedes de Oliveira, nos dias 9 a 12 de março de 1911, se realizou no recinto do colégio a Exposição Municipal do Comércio, Indústria e Agricultura que, levada a efeito com muito realce e carinho, se encerrou com os maiores encômios dos recifenses. A imprensa deu ampla cobertura ao evento, realçando

«a dedicação e zelo dos padres salesianos do importante colégio, os quais além de terem cedido o magnífico parque do estabelecimento e os vastos salões do andar superior, muito colaboraram durante os quatro dias da exposição».²⁹

As escolas profissionais do Recife participam da Exposição Agrícola-Industrial dos Municípios de Pernambuco com tal brilhantismo que obteve um *Diploma de Mérito Especial* assinado pelo governador do Estado, em dezembro de 1917. Recebe também o *Diploma de Honra*.³⁰

O Colégio participa da exposição universal de Bruxelas apresentando seu Gabinete de História Natural, conseguindo obter uma medalha de ouro.³¹

A colaboração com as iniciativas religiosas é ainda mais marcante. O Colégio está em todas. Vejamos alguns registros da imprensa:

O Recife vai erigir num subúrbio da cidade um monumento para perpétua memória do jubileu da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. A 26 de outubro de 1904, se desdobra a procissão puxada pela banda de música do Colégio Salesiano.

Em 20 de novembro de 1908 o Círculo Católico de Pernambuco realizou um programa em honra do Papa Pio X. O concerto vocal e instrumental foi organizado com o concurso da escola de canto do Colégio Salesiano, cuja banda de música executou nos devidos tempos os hinos pontifício e nacional brasileiro.

Na matriz da Boa Vista, se realizou solene tríduo, com pregação e encerramento com missa pontifical, em 1912, celebrando os 16 séculos de vitória da

²⁸ *Amigáveis conselhos...*, 1923, ACR, n° 085.

²⁹ Diário de Pernambuco, 12 de março de 1911.

³⁰ ACR, pasta 02, doc. 17 e 20.

³¹ BS (1911) 26.

Igreja, desde quando Constantino reconheceu o cristianismo. A brilhou os atos o conjunto coral dos Salesianos.

O Recife comemorou as bodas de ouro de ordenação sacerdotal do seu arcebispo. O Colégio Salesiano publicou interessante Poliantéia comemorativa do evento. Na homenagem prestada pela juventude estudantil ao arcebispo, o Salesiano foi o colégio que levou maior número de alunos e a respectiva banda de música. No solene Te Deum, a parte musical esteve a cargo da escola de canto e da banda do Colégio Salesiano.

Na organização das comissões executivas do 2º Congresso Católico de Pernambuco, em 1914, foi eleito para presidir a comissão de Educação e Instrução o Pe. Teófilo Twórz, diretor do colégio salesiano, coadjuvado por vários ex-alunos que a esta altura já faziam sentir sua influência na sociedade.

E a ação salesiana, com seu Colégio em Recife, Escola Agrícola em Jaboatão e o Colégio Orfanológico em Frei Caneca, destaca-se tanto no panorama da educação de Pernambuco que, em 31 de maio de 1906, o cônsul Marchiora, da Itália, em nome do Ministério do Exterior de seu país, envia congratulações oficiais ao Inspetor Giordano pela «ótima impressão provocada ao visitar as diversas instituições salesianas do Estado de Pernambuco».

3.5 Escola Agrícola São Sebastião

Desde os princípios da Escola o ensino agrícola funcionou apenas como subsidiário de um seminário religioso. Nas notas dos alunos, em 1901, se encontra a disciplina de Latim, evidentemente uma disciplina mais própria para a formação sacerdotal que para o aprendizado agrícola.³² As notas dos alunos de Jaboatão nos dois primeiros anos constam dos registros escolares do colégio do Recife e depois desaparecem, sugerindo que até então a Escola era até certo ponto dependente do Colégio, só se separando decisivamente com a criação da Inspetoria.

Os trabalhos dos primeiros anos consistiram no preparo do terreno e saneamento dos brejos com a abertura de fossos e canais para escoamento das águas. Começou-se em seguida a fazer grandes plantações de mandioca, café, cana, cacau, várias hortaliças e muitas árvores frutíferas e a atender à pecuária.³³ Iniciaram-se as aulas elementares, figurando entre estas a de agricultura e a de catecismo, aos domingos. Os exercícios práticos consistiam em trabalhos de horticultura, arboricultura e floricultura.

Começou-se a recolher os primeiros resultados em 1903 quando três latinistas receberam a batina, abriu-se uma escola elementar gratuita para os meninos dos arredores e se começou o oratório festivo. A Escola está exercendo uma dupla função. Influxo sobre os habitantes circunvizinhos com o exemplo do cultivo

³² ACR, livro R 223, p. 110.

³³ [ANÔNIMO], *Escola Agrícola S. Sebastião*. Bahia, Escola Typ. Salesiana 1910. ACR, pasta 150, doc. 04.

de inúmeros pés de laranja, limão, cacau e café,³⁴ em um município onde reina soberana a monocultura da cana de açúcar. Por outro lado abastece o Colégio do Recife de farinha, fruta, batatas, macaxeira, e outros produtos, transportados em carros ou em lombo de cavalo por estradas discretamente aceitáveis.

A partir de 1907 a Escola Agrícola perde o impacto inicial e o alunado não cresce em proporção aos esforços empreendidos. Em 1908 só existem 7 alunos na classe preparatória, dois no 1º ano de latim e quatro no 2º. Existem também 8 externos cursando uma espécie de 1ª e 2ª série elementar. Confirma-se assim a finalidade da Colônia mais como aspirantado do que como escola agrícola. Em 1908 só existem 7 alunos agricultores.

No entanto, a Escola Agrícola de Jaboatão participou da Exposição Municipal do Recife, realizada em março de 1911, apresentando variados produtos agrícolas que mereceram rasgados elogios da imprensa.³⁵

Com a união das Inspetorias Norte e Sul do Brasil em 1912, os formandos foram encaminhados para Lavrinhas, no Estado de S. Paulo, prosseguindo em Jaboatão a Escola Agrícola, como já tinha se verificado no período em que a Casa de formação se sediou na Tebaida (1903-1907). O diretor, comunica aos Superiores, as dificuldades encontradas no andamento da casa, e especifica as condições em que trabalha:

«O Inspetor, Pe. Rota, quer que esta casa se dedique exclusivamente para preparar noviços. [...] Todos os religiosos daqui por experiência dizem que Pernambuco é muito indolente e não dá vocações e se admiram que os salesianos ainda obtenham algumas. [...] Mantemos um oratório festivo bastante animado e talvez em vista disto o Senhor nos preparará dias melhores».³⁶

Para vitalizar a escola agrícola o Pe. Rota destinou a esta casa os melhores elementos disponíveis: os padres Antônio Lustosa³⁷ e Vicente Priante.³⁸

3.6 Colégio Orfanológico São Joaquim

As pavorosas condições sanitárias do Recife neste início de século obrigaram a transferência do instituto, em setembro de 1904, para a localidade de Pimenteiras, atualmente Frei Caneca, na região da Mata Sul do Estado, a cerca de

³⁴ ACR, pasta 50, doc. 05.

³⁵ Cf [ANÔNIMO] in *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 de março de 1911.

³⁶ Carta do Pe. Vêllar ao Pe. Álbera, 20 de dezembro de 1913. ACR, pasta 150, doc. 08.

³⁷ D. Antônio de Almeida Lustosa, trabalhou em Jaboatão (1913 e 1914). Diretor em Lorena (SP) e Bagé (RS). Sagrado bispo de Uberaba (1925-1929), transferido para Corumbá (1929-1931); arcebispo de Belém (1931-1940), de Fortaleza (1941-1963), faleceu em Carpina, Pernambuco, em 1975. Está em processo sua Causa de Beatificação.

³⁸ D. Vicente Priante, diretor da Escola Agrícola de Jaboatão (1915-1920). Transferido para Campinas (SP), dirigiu o Externato São João e depois o Liceu Maria Auxiliadora. Trabalhou como pároco de Araxá, e pároco de Bom Retiro (S. Paulo), quando dirigiu o Colégio anexo. Em 1933, foi eleito bispo de Corumbá, (MS), onde faleceu em 4 de dezembro de 1944.

250 quilômetros do Recife, fundindo-se com a Colônia Orfanológica Izabel, anteriormente dirigida pelos capuchinhos, mas então em mãos leigas.

O ambiente encontrado na Colônia Izabel não era dos melhores. Os alunos, revoltados, consideravam o internato uma cadeia, mas o Pe. Blangetti logo conquistou o coração dos alunos, aproveitando a influência dos alunos transferidos do Recife e já entrosados com o sistema preventivo. Com a mudança para o novo local o Colégio S. Joaquim tomou maior incremento. O número de alunos elevou-se e foram instaladas as oficinas de encadernação, ferraria, pintura, barbearia e a escola prática de horticultura.³⁹

Os documentos registram, em 1908 que «o colégio vai bem com seus 280 alunos internos e as Escolas de Artes e Ofícios».

As oficinas mantidas pelo orfanato são seis: tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria, marcenaria e ferraria. Não são propriamente Escolas Profissionais: executam os trabalhos que lhe são enviados pela direção da Santa Casa, situação não de todo estranha, pois repete o andamento das Escolas Profissionais do primitivo Oratório.⁴⁰

Em um ambiente rico de pobreza e salesianidade não faltaram vocações religiosas e sacerdotais, não só para a Congregação como para o clero diocesano, que contou com vários sacerdotes, e até bispos, (D. João da Matha Andrade e Amaral e D. Antônio Campelo de Aragão) antigos alunos desse tempo.

Numa região de população escassa e dispersa pelos engenhos, foi minguada a atuação externa dos salesianos, mesmo porque o pessoal disponível era mínimo. Já era motivo de espanto verificar como tão poucos religiosos conseguissem manter florescente o Orfanato.

O perfil institucional se manteve mais ou menos estável até 1918 quando começou a decadência do Colégio, pois os salesianos, sem autonomia administrativa, tinham que aguardar as decisões da Santa Casa, cujos dirigentes já não tinham a mesma mentalidade de antanho. Descuidavam das obras assistenciais, não somente o Colégio Orfanológico como outras de sua competência, o que causava um verdadeiro clamor no Estado. Uma nota da imprensa informa que

«O Instituto dos Cegos, fundado pelo governador Herculano Bandeira e entregue à Santa Casa de Misericórdia [está submetido a] um lamentável desleixo que lhe provocou tristíssima decadência. A alimentação não é boa, não lhes é dada instrução, os instrumentos tanto da banda como das oficinas vive[m] completamente estragado[s]».⁴¹

Pouco a pouco, a situação administrativa do colégio foi declinando a ponto de faltar o necessário para a alimentação e vestuário dos meninos, o que causava uma vivaz correspondência com a Santa Casa de Misericórdia, recheada de recla-

³⁹ ACR, pasta 171, doc. 18.

⁴⁰ MB V, 758.

⁴¹ Cf [ANÔNIMO], «Jornal do Commercio», Recife, 10 de junho de 1926.

mações por parte dos filhos de Dom Bosco. No entanto, os salesianos persistem em seu apostolado, na expectativa de melhores tempos.

Procura-se no entanto empregar as diretivas metodológicas preconizadas pelo Capítulo Geral reservando-se para cada aluno 10% sobre o trabalho feito semanalmente e esta quantia vai constituir um pecúlio a ser entregue ao aluno somente no fim do curso. No Recife a gorjeta é dada em proporção do trabalho realizado, segundo a nota de aplicação e comportamento da semana: no mínimo 10 réis; no máximo, 1000 réis.⁴²

4. Assistência religiosa

4.1 Santuário do Sagrado Coração em Recife

Uma influência especialmente notável dos salesianos sobre a sociedade nordestina se dá no campo religioso. Poucos dias após a chegada, na noite de Natal de 1894, são celebradas com forte concurso de povo as três missas na capelinha da casa que, conservando o Santíssimo Sacramento, a partir desta data fica franqueada ao público. Trazidos pela palavra e exemplo do major Cúrio, comandante do Hospital Militar, assiste às funções na capela um bem crescido número de oficiais do exército e da polícia.⁴³

Desde o primeiro ano, os atos da semana santa, as práticas do mês de Maria, todas as festas religiosas, se realizavam de acordo com as tradições salesianas, o que atraía para a capela avultado número de devotos, de forma que a adoração do Santo Sepulcro, na semana santa, foi feita por turnos por oficiais da Força Pública e do Exército. Todos os anos grupos de alunos faziam a primeira comunhão em cerimônias que atraíam a atenção do público. O dia 24 de maio de 1906 foi comemorado com um belo grupo de néo-comungantes, na missa celebrada pelo próprio arcebispo, D. Luís de Brito, que participou também da sessão lítero-religiosa, à noite, quando pronunciou um eloqüente discurso.

Para tornar mais efetiva essa influência religiosa, desde 1895, o Pe. Jordano falava de um projeto de edificar ao lado do colégio um templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Era patente a necessidade de se erigir a igreja, tanto para o serviço religioso do colégio, como para comodidade dos fiéis que desde os primeiros dias afluíam à capelinha do novel educandário,⁴⁴ atraídos pelas sagradas funções tão bem preparadas e realizadas pelos padres salesianos.

No entanto, devido à urgência em sistematizar a instalação do Colégio, passaram-se alguns anos até que se conseguisse traduzir esse projeto em prática. Finalmente foi solicitada a autorização do Capítulo Superior que, reconhecendo que

⁴² P. ROTA, *Relazione sulla Visita Straordinaria...*, ACR, pasta 222.

⁴³ O. ALMEIDA, *Crônica...*, ACR, doc. 462.

⁴⁴ BS (1929) 156.

«aquele Colégio tem necessidade urgente de uma Igreja» anuiu ao pedido, com uma restritiva: «com a condição de que não se façam débitos».⁴⁵

Presentes muitos convidados, a primeira pedra do Santuário foi lançada no dia 16 de novembro de 1913, pelo bispo diocesano D. Luís de Brito. O arquiteto, coadjutor Domingos Delpiano,⁴⁶ traçou a planta e os trabalhos prosperaram tão rapidamente que o Pe. Teófilo pôde anunciar a inauguração da nave central entre o presbitério e a penúltima coluna, na festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus, 15 de junho de 1917, quando foi possível trasladar o Santíssimo Sacramento para o novo recinto.⁴⁷

O trabalho prosseguiu e em 20 de setembro de 1944 com a inauguração da torre do Santuário, foi doado à população um dos mais belos e suntuosos edifícios religiosos da cidade.

4.2 Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora em Jaboatão

Da encosta meridional de uma colina no terreno da Escola Agrícola de Jaboatão, emerge um enorme rochedo com feição de plataforma, medindo 36 metros de comprimento, 22 metros de largura e altura que varia de 7 a 11 metros, o que suscitou ao Pe. Giordano a idéia de sobre ele construir um Santuário a Nossa Senhora Auxiliadora.

Fez baixar com escavações uma das extremidades do monólito, transformando o desvão inferior em gruta natural, com a capacidade de abrigar mais de trezentas pessoas. As imagens de ferro de Nossa Senhora de Lourdes e de Santa Bernardete foram aí inauguradas por ocasião do cinquentenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1904. Na tarde do domingo, 22 de janeiro de 1905, D. Luís de Brito celebrou missa campal na gruta, fazendo a seguir a bênção do rochedo como pedra fundamental do santuário. O povo fiel correu como em dia de missão, o bispo crismou muita gente e os padres confessaram por largo tempo. Logo em 1906 se iniciaram os trabalhos do santuário seguindo planta de Domingos Delpiano. Tão bem se adiantou a construção que, no dia 24

⁴⁵ Verbal, n° 773, 22 de maio de 1914. ACR, pasta 170, doc. 05.

⁴⁶ Coad. Domingos Delpiano (1844-1920). N. em Castelnuovo d'Asti (Piemonte – Itália). Entrou para o Colégio salesiano de Marselha em 1875, onde conheceu Dom Bosco. Professou em 1879, veio para a América em 1881. Entre suas obras se contam: os santuários de N. S. Auxiliadora de Niterói, do Bom Retiro, de Jaboatão, do Sagrado Coração do Recife, a torre do Liceu Coração de Jesus, o Colégio Santa Inês (a parte construída antes de 1920) o Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas, o Colégio São Joaquim de Lorena, o primeiro teatro do Liceu de São Paulo, o monumento a N. S. Auxiliadora no morro do Colégio Santa Rosa, a Vila Dom Bosco (parte primitiva) em Campos do Jordão, o projeto total do Instituto Dom Bosco, de acordo com as exigências da Câmara Municipal, e finalmente, o jazigo da Congregação Salesiana no cemitério do Santíssimo (São Paulo), que ele inaugurou com seu sepultamento no dia 9 de setembro de 1920.

⁴⁷ ACR, pasta 42, doc. 35.

de maio de 1909, realizou-se a primeira função no santuário. Ao som festivo da banda e do canto das ladainhas, saiu a procissão da capelinha ao sopé do morro para o santuário, onde se celebrou a missa solene.

Para administrar a construção do santuário foi indicado o padre Antônio Vélлар, (morto em 1940 com fama de santidade) que desenvolveu intenso pedtório, conseguindo todo o madeirame nos engenhos vizinhos. Seus pedidos se espalharam por todo o Nordeste, e muitas vezes, no fim da semana, quando já não havia esperança de pagar os operários, chegava pelo correio a quantia necessária.⁴⁸ Desse modo obteve a quantia que custou o Santuário, angariada em migalhas que chegavam quase diariamente em envelopes especiais, e também com algumas ofertas maiores, algumas bem vultosas, de conspícuas famílias.⁴⁹

No dia 5 de dezembro de 1915, com a assistência de numerosíssima multidão, no meio da qual se encontravam muitas pessoas de destaque, como o governador general Dantas Barreto, o governador eleito Manoel Borba, os prefeitos de Recife e Jaboatão, o arcebispo D. Luís de Brito consagrou solenemente o Santuário de N. S. Auxiliadora. De 5 a 8 de dezembro houve uma afluência extraordinária de povo ao novo santuário que, no ano seguinte foi agregado à Patriarcal Basílica Vaticana. Em estilo bizantino, mede 31 metros de comprimento por 15 de largura. A fachada tem 20 metros de altura, acima da qual pompeia uma imagem de N. S. Auxiliadora com 4 metros de altura. O altar-mor, de mármore, é trabalho das Escolas Profissionais Salesianas de São Paulo. Posteriormente, construiu-se a balaustrada e escadaria que leva à gruta de N. S. de Lourdes.⁵⁰

Embora não seja beneficiado por uma infra-estrutura adequada o Santuário de N. S. Auxiliadora desde sua inauguração tem servido como meta de romarias provenientes de Pernambuco e dos Estados vizinhos.

4.3 Associações

Os salesianos não se contentam em levantar paredes, mas se empenham em estabelecer uma sólida devoção ao Sagrado Coração. Com esta finalidade, em 12 de maio de 1919, o arcebispo erigiu a Pia Confraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração, na capela do Sagrado Coração, da Congregação Salesiana.⁵¹ Assim juntou-se esse sodalício à Associação dos Devotos de Maria SS. Auxiliadora, oficialmente instalada no Colégio aos 5 de dezembro de 1904, pelo Pe. Clélio Sironi e legitimamente agregada à Arquiconfraria da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim, podendo gozar das indulgências dessa Associação.

⁴⁸ Celestino DE BARROS, *Traços biográficos de Monsenhor Lourenço Maria Giordano*. [s.e.] 1979 p. 52.

⁴⁹ Carlos Leôncio DA SILVA, *Sete lustros da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena, [s.e.] [s.d.] pp. 74-76.

⁵⁰ BS 4 (1908) 120.

⁵¹ ACR, pasta 002, doc. 8.

Também em Jabotão o apostolado se preocupa em organizar a devoção dos fiéis. Enquanto se levantava o santuário, se fazia a agregação ao Apostolado da Oração, conforme diploma n° 68595.

O Pe. Priante fundou a Arquiconfraria dos Devotos de Maria Auxiliadora aceita entusiasticamente por todos, escreve. E acrescenta: esperemos que cresça muito o número de sócios.⁵² O Reitor Mor, Pe. Paulo Álbera, em data de 16 de novembro de 1914, a erigiu canonicamente e a primeira reunião se deu no dia 24 de março de 1915, contando com 27 associados.⁵³

5. Conjuntura sócio-histórica

5.1 *Escolas Profissionais*

O quadro sócio-histórico em que se processa a evolução das escolas profissionais deve ser considerada no contexto cultural do Brasil. A mentalidade escravocrata não era privilégio das classes dirigentes: era também uma característica marcante do comportamento das massas que se acostumaram, após três séculos, a ligar trabalho com escravidão. Nenhuma sociedade passa impunemente por quatro séculos de escravidão e nosso presente mostra ainda cicatrizes desse passado. A sociedade brasileira, em geral, incorporou forte ojeriza ao trabalho manual e, conseqüentemente, desvaloriza quem atua nesta área.⁵⁴

Essa tessitura social favoreceu o crescimento do colégio em detrimento da escola profissional. A elite considera a escola profissional como importante contributo para a solução do problema social e está disposta a ajudar, porém aqueles que dela se deveriam beneficiar a repudiam. Todos procuram um lugar de empregado no comércio ou no funcionalismo público. É necessário um dispositivo nos estatutos do colégio para evitar uma fuga em massa dos aprendizes para a categoria de estudantes.

Em razão desse desprestígio do trabalho, durante todo o regime imperial e inícios do período republicano não há registro de ação do governo na área do ensino profissional. A existência durante quase quatro séculos do instituto da escravidão introjetou no comportamento não só das classes dirigentes mas também nas massas populares, uma característica marcante que consiste em repudiar qualquer trabalho manual. Apesar do desenvolvimento industrial, nem mesmo atualmente se oferece às gerações emergentes no Brasil um ensino profissional propriamente dito, salvando-se apenas algumas Escolas do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

⁵² Carta do Pe. Priante ao Pe. Álbera, 1° de abril de 1915. ACR, pasta 150, doc. 2.

⁵³ Miguel D'AVERSA, *Histórico do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora em Jabotão - Pernambuco*. Salvador, Escola Tipográfica Salesiana 1955, p. 11.

⁵⁴ CNBB - *Ouvi o clamor deste povo*, p. 48.

Somente em 1910 pelo Decreto 7.566 de 23 de setembro, o presidente Nilo Peçanha, criou em todos os Estados as Escolas de Aprendizes Artífices, primeira preocupação do Governo para com o ensino profissional «das classes mais desfavorecidas», como se expressava, explicitando meridianamente o preconceito de que o ensino profissional deve ser destinado aos carentes, aos desamparados. Mesmo assim, essas escolas governamentais tiveram que ceder às pressões e avanços da sociedade, evoluindo de escolas de aprendizes para as atuais Escolas Técnicas Federais, que oferecem cursos de eletrônica, química, metalurgia, e similares, e nas quais o acesso à universidade absorve o melhor dos esforços. O ensino, inicialmente profissional, evoluiu para o ensino técnico e o nível sócio-econômico do seu alunado se equipara ao nível dos alunos dos melhores colégios da cidade, pois é uma tendência natural de toda instituição atender a uma clientela de nível cada vez mais elevado. Para atender a essa aspiração popular, o Colégio do Recife, como aliás as outras presenças salesianas de todo o Brasil, sobretudo a partir de 1909, tende a primar no campo da educação secundária para as classes médias, a fim de contrapor o ensino religioso ao ensino leigo.

As escolas profissionais salesianas no período em estudo (e mesmo depois) são um pouco mais que orfanatos, muito beneméritas, se encaradas como abrigo de *abandonados* porém, ineficientes quando se trata de ministrar uma verdadeira formação profissional.

A propósito assim se expressam os Estatutos do Colégio do Recife:

«O Colégio admite gratuitamente como aprendizes os meninos órfãos de pai e mãe, que não tenham parentes nem pessoas que possam tratar deles; enfim *aqueles que estiverem na indigência e abandonados* pois não é justo que goze da caridade alheia quem pode viver do seu. Estes deverão *acabar o tempo* de sua aprendizagem não sendo retirados pelos parentes ou benfeitores, senão no prazo fixado pelo diretor, *exceto* pagando as despesas feitas até aquela data».⁵⁵

A exceção aventada pelo diretor é um belo exercício de fantasia pela impossibilidade de execução: fazer pagar acumuladas em vários anos, despesas de quem não tem por si mais que a graça de Deus. Por sua vez, os grifos estão a indicar que para os dirigentes os candidatos a aprendizes são meninos que estão na indigência ou/e abandonados. Essa concepção só pode produzir resultados pífios como se lamentam os próprios mestres de oficina:

«[...] a minha oficina está desprovida de tudo a tal ponto que não posso fazer nada. As máquinas e as mesas estão em péssimas condições e não se pode comprar outras. O que fazer? Não sei. Os aprendizes são muito pequenos. Depois que estão aqui dois ou três anos se vão embora sem explicação».⁵⁶

Outro obstáculo que sempre emperrou o desenvolvimento das escolas pro-

⁵⁵ Estatutos. Colégio Salesiano Sagrado Coração, Recife. ACR, pasta 100, doc. 18.

⁵⁶ Carta do coad. Paulo Gasco ao Pe. Vespignani, 28 de fevereiro de 1928. ACR, pasta 100, doc. 55.

fissionais e que não é de somenos importância é o aspecto econômico. Gasta-se muito com o ensino profissional, e sem retorno. Se o objetivo da escola é ensinar ao aluno o domínio das técnicas de seu ofício, deve-se abandonar a idéia de uma produção remunerativa. Alguns anos devem se passar antes que o aluno esteja habilitado a trabalhar com mediano rendimento. E quando consegue atingir certa capacidade de trabalho, é preferível para os pais, ou para o próprio aluno, completar a aprendizagem em uma oficina, onde recebe alguma remuneração a permanecer no internato, o que implica em despesas insuportáveis para quem tem tão pouco. É o que constata um minucioso observador, que anota também que a evasão escolar tira do ensino profissional ministrado no Colégio as características de uma verdadeira escola:

«O ensino profissional deveria durar cinco anos, mas não existe nenhuma regularidade. Dificilmente os alunos permanecem até o fim, muitos saem para conseguir algum ganho; não se dá nenhum certificado ao término do Curso».⁵⁷

Há de se convir friamente que qualquer estabelecimento privado de ensino, seja colégio ou escola profissional, é uma organização econômica, embora de natureza especial por gerenciar o futuro das novas gerações. Também as escolas profissionais têm dois lados e não é possível rebatê-lo em um lado só. Se a despesa é maior do que a receita, pouco importa o idealismo, coisas extremamente desagradáveis vão acontecer, não sendo a menor delas a execução por via judicial. E quando as escolas profissionais não são capazes de se sustentar economicamente, só existe um caminho para enfrentar a situação: emprestar maior importância aos colégios, para que também a Escola possa sobreviver. Debajo do sol não há possibilidade de fugir a esta conclusão.

5.2 Escolas Agrícolas

Quanto às Escolas Agrícolas o panorama é em tudo semelhante, se não um pouco mais escuro. Até mesmo na civilizada Europa, enquadrados no conceito pouco elogioso de «camponês», os pais procuram fugir da vida do campo, gerando um comentário tristonho de Dom Bosco:

«Deve-se lamentar aqueles que, por não sei qual motivo, desprezam o trabalho tão útil do agricultor e se estimam felizes se podem orientar os filhos para o ofício de professor municipal, ou mesmo dar-lhes qualquer outro ofício!».⁵⁸

O Pe. Rua também escreve aos cooperadores, em 1901, apelando para a *volta aos campos*, sem grande sucesso, aliás, como é fácil constatar, inclusive com a decepção da Escola Agrícola de La Navarre.⁵⁹

⁵⁷ P. ROTA, *Relazione sulla Visita Straordinaria...*, ACR. pasta 222.

⁵⁸ MB X, 444.

⁵⁹ Y. LE CARRÈRES, *Les colonies agricoles...*, pp. 137-174.

A formação do Pe. Giordano, patriarca da Presença Salesiana no Norte do Brasil, laureado em ciências agrárias, fez com que, logo nos inícios do trabalho salesiano no Norte surgissem duas escolas agrícolas: a de Jaboatão e a da Tebaida, às quais ele dedicava carinho especial. Para elas escreveu um texto *Lições Populares de Agricultura*⁶⁰ que servia de leitura para os pequenos agricultores.

A realidade, porém, é que a escravidão, deixou um grande preconceito contra a agricultura, e sua abolição era, a esta época, um fato muito recente. Mesmo atualmente, encontra-se com facilidade um pai de poucos recursos disposto a mandar um filho «ao Colégio para estudar», porém, este mesmo pai criará dificuldades se souber que seu rebento irá «trabalhar de enxada», com (ou para) os padres.

É sobre um quadro social com essa formação histórica que se deve projetar a influência dos salesianos em Pernambuco.

6. Conclusão

Pela apresentação deste trabalho concluímos que no Recife, em que a Presença Salesiana foi desde os albos auspiciada com a dupla finalidade de colégio e escolas profissionais, os dois ramos não tiveram igual influência na sociedade.

O Colégio paladino de uma reforma pedagógica, com seu sistema preventivo, sua banda de música, suas sessões lírico-literárias e suas demonstrações atrai a atenção dos governantes e da sociedade em geral e se eleva a reconhecido prestígio entre os melhores da cidade. Quer com o elemento social nele preparado, quer com a participação nos eventos da cidade, os educadores aproveitam para exercer grande influência na sociedade.

Já a escola profissional encontra as dificuldades intrínsecas à velha mentalidade escravocrata que ligou o trabalho manual ao conceito de escravidão. Poucos na sociedade estão interessados no aprendizado de uma arte ou ofício. Apon-tamos os empecilhos que dificultam o desenvolvimento da escola de artes e ofícios. A presença dos estudantes que canalizam as atenções do pessoal dirigente. O contexto social intrinsecamente vinculado ao instituto da escravatura, que liga o trabalho manual ao conceito de escravidão. Por último, não na ordem de importância, a razão econômico-administrativa. A formação do jovem aprendiz implica em despesas incompatíveis com a receita que delas se pode auferir. O cuidado em não ultrapassar possibilidades, enfeza a atividade que não consegue se expandir. Desse modo as escolas profissionais prestam mais serviço como abrigo de meninos pobres do que propriamente como educandário que alcance um contributo social muito importante.

Desses mesmos defeitos, e ainda mais ampliados, sofreria a Escola Agrícola se desde o princípio não se tivesse voltado para o cultivo das vocações. A Escola

⁶⁰ ACR, n° 509.

Agrícola de Jaboatão concentra seus esforços na casa de formação e mesmo nos períodos em que essa atividade se desloca para outras paragens, a Colônia mantém seu objetivo original, que é captar elementos vocacionados e encaminhá-los para a casa de formação correspondente.

Qual foi enfim o alcance da Obra Salesiana no Norte do Brasil, particularmente em Pernambuco? O Colégio do Recife teve influência notável na sociedade. Entretanto, foi heróico, mas não triunfante, o esforço dos religiosos de Dom Bosco em criar e desenvolver no Norte do Brasil as escolas profissionais e agrícolas. Pode-se burilar essa conclusão considerando o desenvolvimento no mesmo período das escolas profissionais e agrícolas salesianas da Europa.⁶¹ Respondeu melhor às expectativas o Colégio Orfanológico São Joaquim. Os órfãos correspondem aos esforços dos educadores e o colégio produz muitas vocações religiosas e sacerdotais.

Com os dois grandes santuários, do Sagrado Coração em Recife, e de Nossa Senhora Auxiliadora em Jaboatão, os salesianos se tornaram beneméritos da população nordestina e propiciaram importante renovamento de fervor religioso na Terra do Açúcar, o Estado de Pernambuco.

* * *

Bibliografia

Artigos

YVES LE CARRÉRÈS, *Les colonies ou orphélinats agricoles in Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco*. Roma, LAS 1996.

Documentos de arquivo

Olavo ALMEIDA, *Crônica dos primórdios do Colégio Salesiano do Sagrado Coração*. ACR, doc. 462.

Amigáveis conselhos ao R. P. Director do Collegio Sagrado Coração em ocasião de visitas.

Carta do Dr. Carlos Alberto ao Pe. L. Giordani, Camaragibe, 14 de setembro de 1894.

Carta do Coad. Paulo Gasco ao visitador Pe. Vespignani, 28 de fevereiro de 1928.

Luigi DELLA VALLE, *Cronaca del Collegio Salesiano di Pernambuco*. ACR doc. 448.

Projecto de fundação de um asylo para orphãos e desamparados e de escolas professionaes para os meninos pobres na cidade do Recife.

Pedro ROTA, *Relazione sulla Visita Straordinaria fatta all'Ispettoria di S. Luigi Gonzaga (Basiliana del Nord) dal 10 Maggio al 4 Giugno 1908*. (ACR) pasta 222.

Registros escolares.

Estatutos do Colégio Salesiano Sagrado Coração, 1906

⁶¹ RSS 31 (1997) 368.

Livros

Atas do 4º Capítulo Geral, 1886.

BARROS Celestino (de), *Traços biográficos de Monsenhor Lourenço Maria Giordano*. [s.e.] [s.d].

D'AVERSA Miguel, *Histórico do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora em Jaboatão - Pernambuco*. Salvador, Escola Tipográfica Salesiana 1955.

DE OLIVEIRA Luiz, *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. 3 vol. Recife, Escolas Profissionais salesianas 1994.

FERREIRA DA SILVA Antonio, *Epistolario di Mons. Luigi Lasagna*. Vol. II. Roma, LAS 1997.

Formazione professionale salesiana. Roma, LAS 1997.

FREYRE Gilberto, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana 1985.

LEÔNICIO DA SILVA Carlos, *Sete lustros da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena, São Paulo, [s.e.] [s.d].

MARCIGAGLIA Luís, *Os Salesianos no Brasil*. 2 vol. São Paulo, Livraria Editora Salesiana 1955.

MOTTO Francesco (ed.), *Insediamenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco. Saggi di storiografia*. Istituto Storico Salesiano - Studi 9. Roma, LAS 1996.

Ouvi o clamor deste povo. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

PACHECO D. Felipe Conduru, *Vida de D. Luís de Brito, 1º Arcebispo de Olinda*. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro 1954.

Revistas e jornais

A Província

Boletim Salesiano

Diário de Pernambuco - Recife.

Jornal do Commercio - Recife.

ANEXO

Os Salesianos na terra do Açúcar

Os salesianos chegaram ao Norte do Brasil no período imediatamente seguinte à implantação das reformas político-sociais e econômicas que no breve período de cinco anos transformaram totalmente a face do Brasil.

1. A emancipação do elemento servil (Lei Áurea, 13 de maio de 1888)
2. A proclamação da República (15 de novembro de 1889)
3. A separação da Igreja do Estado (17 de janeiro de 1890)
4. O estabelecimento do Regime Federativo (24 de fevereiro de 1891)

Houve inicialmente um momento de indecisão por parte dos superiores por qual cidade começar, talvez por Belém no Pará. Mas Recife, no extremo norte-oriental oferecia perspectivas mais promissoras. Tratava-se da terceira cidade do Brasil, contando com mais de 200 mil habitantes. Distinguia-se no cenário nacional pela cultura, indústria e influência política. Localizando-se numa situação média entre os extremos norte e sul da imensa costa, tinha o porto mais próximo da Europa, o que vitalizava o comércio e a indústria.

Ao tempo em que os filhos de Dom Bosco aportaram em Recife, a região passava por uma crise resultante da emancipação legal dos escravos. A exploração agro-industrial da cana de açúcar tinha se tornado muito onerosa, ameaçando perigosamente mergulhar a região numa pauperização coletiva. Mas surgia também a necessidade de trabalhadores profissionalmente mais qualificados. A situação eclesial era também promissora. Livres do regalismo que os oprimia, os bispos reformadores almejavam a introdução de novas congregações européias, portadoras de um cristianismo mais sacramental e dependente de Roma.

Dentro deste quadro, num curto período de sete anos, os salesianos abrem cinco casas no Norte do Brasil. Na cidade do Recife, o Colégio Sagrado Coração (1894), o Colégio Orfanológico São Joaquim (1902), e a Escola Agrícola São Sebastião, em Jaboatão (1900); o Liceu Salesiano do Salvador, na Bahia (1900) e (1902) a Escola Agrícola São José, na Tebaida, Sergipe. Essas fundações, a partir de 1902, passaram a constituir a Inspeção São Luiz de Gonzaga do Norte do Brasil, e se processa uma pausa para consolidação. Somente em 1921 a Inspeção volta a se expandir com a abertura do colégio de Manaus, base para a catequese na Prefeitura Apostólica do Rio Negro, no Amazonas, da qual o Pe. Lourenço Giordano tomara posse em 15 de agosto de 1916.

O Colégio Sagrado Coração mantém duas seções: a dos estudantes, internos e externos, e a dos aprendizes com oficinas de encadernação, tipografia, marcenaria e ferraria, sapataria e alfaiataria. O Colégio Sagrado Coração logo se impõe na cidade como um padrão cultural e pedagógico, com sua banda, seus cantores, seu sistema preventivo de educar, suas representações teatrais e tertúlias literárias. No entanto, para obter a equiparação dos estudos a diretoria teve que muito lutar contra a burocracia da nova República que exigia um ensino laico. Em consonância com a lei do serviço militar obrigatório, aprovada em 1908, o Colégio organizou um batalhão, composto dos alunos maiores de 16 anos, muito prestigiado pelas autoridades militares, tendo sido visitado até por generais. A esse batalhão se acrescentou também um grupo de escoteiros.

Característica dos salesianos era a colaboração com as autoridades em tudo que pudesse refluir em benefício da comunidade, quer no campo civil, quer no religioso. Dentro

desta perspectiva se pode considerar também a construção dos santuários do Sagrado Coação no Recife e de Nossa Senhora Auxiliadora, em Jaboatão.

Apesar dos esforços empregados, as escolas profissionais se desenvolvem muito pouco, e segundo um Visitador não se podem chamar verdadeiras escolas profissionais, pois não apresentam nenhuma regularidade e dificilmente os alunos permanecem até o fim do curso, muitos saindo para ganhar a vida. Em 1904 são 36 os aprendizes, mas no ano seguinte esse número cai para 27. Apesar de se empregarem todos os meios materiais e morais para estimular a atividade como exames, prêmios, estímulos, participação aos frutos do trabalho (a chamada «gorjeta semanal»), e exposições, as escolas profissionais, são um pouco mais que orfanatos, ineficientes quando se procura estabelecer a contribuição para uma influência na sociedade em que se insere. Mesmo assim conseguem obter um Diploma de Mérito Especial e o Diploma de Honra na Exposição Agrícola-Industrial dos Municípios de Pernambuco promovida pelo governo do Estado, em dezembro de 1917.

Escola Agrícola São Sebastião

A Escola Agrícola de Jaboatão serve também de casa de repouso para os irmãos do Colégio do Recife, e casa de formação. Desde os princípios da Escola o ensino agrícola funcionou apenas como subsidiário de um seminário religioso. Nas notas dos alunos, em 1901, se encontra a disciplina de Latim, evidentemente uma disciplina mais própria para a formação sacerdotal que para o aprendizado agrícola.

Os trabalhos dos primeiros anos consistiram no preparo do terreno e saneamento dos brejos. Começou-se em seguida a fazer grandes plantações de mandioca, café, cana, cacau, várias hortaliças e muitas árvores frutíferas e a atender à pecuária. Iniciaram-se as aulas elementares e os exercícios práticos. A Escola influi sobre os habitantes circunvizinhos com o exemplo de uma agricultura diversificada em um município onde reina soberana a monocultura da cana de açúcar. Participou da Exposição Municipal do Recife, realizada em março de 1911, apresentando variados produtos agrícolas.

Com a união das Inspetorias Norte e Sul do Brasil em 1912, os formandos foram encaminhados para Lavrinhas, no Estado de S. Paulo.

Colégio Orfanológico São Joaquim

O Colégio Orfanológico São Joaquim, de propriedade da Santa Casa de Misericórdia, abriga cerca de 180 órfãos. As pavorosas condições sanitárias do Recife obrigaram a transferência do instituto para o interior em 1904, fundindo-se com outra obra já existente, pedagogicamente falha. Aproveitando a influência dos alunos transferidos do Recife, o Pe. Blangetti logo conquistou o coração dos alunos. Abriram-se oficinas de tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria, marcenaria e ferraria, que executavam os trabalhos enviados pela Santa Casa.

Sendo um ambiente rico de pobreza e salesianidade, o Colégio São Joaquim produziu muitas vocações religiosas e sacerdotais, quer para a Congregação, quer para o clero diocesano. Numa região de população escassa e dispersa pelos engenhos, no entanto, foi minguada a atuação externa dos salesianos.

Esse perfil institucional se manteve mais ou menos estável até 1918 quando começou a decadência do colégio.